



Senado Federal



FERNANDO COLLOR

DISCURSO DE POSSE NA
ACADEMIA ALAGOANA DE LETRAS

Maceió - 2009



SENADO FEDERAL
SENADOR FERNANDO COLLOR

**DISCURSO DE POSSE
NA ACADEMIA
ALAGOANA DE LETRAS**

MACEIÓ – 2009

DISCURSO DE POSSE DO SENADOR FERNANDO COLLOR NA ACADEMIA ALAGOANA DE LETRAS

Excelência Reverendíssima Bispo Dom Fernando Iório, D.D. Presidente da Academia Alagoana de Letras, autoridades presentes, Senhoras e Senhores Acadêmicos, meus familiares, amigos e demais convidados, minhas senhoras e meus senhores, peço a permissão, inicialmente, para dividir minhas palavras com todos os acadêmicos e convidados que me concedem, neste momento, o prazer da companhia e a honra do comparecimento a esta solenidade de posse. Justifico não como a simples presteza de um orador, mas fundado no pensamento de Montaigne que, inspiradamente, definiu esta relação ao dizer que “as palavras pertencem metade a quem fala, metade a quem ouve”.

Assim, de antemão, prometo tentar tornar minhas palavras, pelo menos quanto à metade que me cabe, não na mais extensa ou profunda das peças já discursadas nesta Academia, mas pelo menos em um pronunciamento capaz de receber o acolhimento e a reflexão por parte das senhoras e dos senhores. Quanto à outra metade, contento-me com a atenção e a paciência de todos que aqui me prestigiam com a digna e estimada presença.

Segundo Cícero – estadista, orador e filósofo romano –, *obi bene, ibi patria* (onde se está bem, aí é a pátria). É este meu sentimento ao passar a fazer parte deste seletivo grupo acadêmico da sociedade alagoana. Aqui já me sinto bem; aqui passa, portanto, a constituir também minha pátria, minha casa e, por que não, minha família.

Ao longo de uma intensa vida pública, de prefeito a presidente da República, passando pelo então Palácio dos Martírios e pelas duas

Casas do Congresso Nacional, tenho subido a inúmeras e distintas tribunas, quase sempre pela missão política, e algumas vezes pela necessária e momentânea altercação. Mas a tribuna de hoje, na qual os generosos acadêmicos me acolhem, não deixa de ter um especial sentido, uma renomada significação para minha trajetória, seja na seara pública, seja na seara pessoal.

Congregar este cenáculo, por onde passaram e frequentam proeminentes figuras do ambiente acadêmico, artístico, intelectual e político, como Aurélio Buarque de Holanda e Lêdo Ivo, não só dignifica e consagra a alma, o trabalho de qualquer membro de nossa sociedade, como também me incentiva ainda mais na continuidade da atuação política e da produção de escritos, quer sejam eles artigos, livros ou discursos. Ademais, vejo a ocupação desta cadeira como uma verdadeira ascese, em seu estrito significado, qual seja, como uma prática capaz de levar à efetiva realização da virtude e à plenitude da vida moral.

Não bastasse a companhia dos nobres e imortais confrades que me elegeram, não posso deixar de admitir que, entre tantas outras, uma das maiores razões de meu orgulho volta-se para os quase 40 anos durante os quais meu pai – senador, governador, advogado e jornalista Arnon de Mello – ocupou a Cadeira de nº 16, desta Egrégia instituição.

Devo aqui lembrar que, prestes a completar 90 anos nos próximos dias, nossa Academia Alagoana de Letras, em sua primeira década de existência, já constituía um prenúncio da trajetória e do destino de meu pai. Em 1927, a fundação do Grêmio Literário Guimarães Passos contou, juntamente com outros estudantes da época, com a iniciativa e a participação direta do então futuro acadêmico Arnon de Mello. Portanto, não há como deixar de reconhecer, diante de tantos legados, sua história, sua dedicação e sua vida pública como minha inspiração maior para concorrer a uma cadeira desta Academia, especialmente quando reconhecemos a capacidade que ele detinha em conciliar a arte da política com o ofício da escrita.

Quanto a essa combinação, permitam-me aqui reproduzir as palavras do imortal Austregésilo de Athayde ao se referir ao patrono das

letras brasileiras, Machado de Assis, narrando e justificando a iniciativa do escritor em fundar a Academia Brasileira de Letras. Escreveu ele: “Machado escolhe para marcar a sua contribuição ao engrandecimento da civitas brasileira a política da cultura, o aperfeiçoamento dos valores intelectuais que são os últimos vestígios que se apagam na história tormentosa dos homens. A mesma Academia é fruto de uma concepção de extraordinária relevância política, no puro sentido dessa atividade ligada à direção dos povos. Ao inaugurá-la deu numa frase o sentido exato da finalidade que entre todas a engrandece e ilustra: ‘Consolidar a unidade política, pela unidade literária’”.

Cícero, a quem já me referi, é um exemplo basilar do homem público que agregou ação política com produção intelectual. Representante da latinidade clássica e divulgador do pensamento grego, destacou-se como orador pelo peso, riqueza e profundidade de seus discursos. Por isso, sob sua égide, criou-se o tipo “homem de letras”. Não por acaso, as academias mundo afora sempre estiveram repletas de exemplos similares e dignos de todas as áreas: das letras, das artes, das ciências, da política.

A inter-relação dessas atividades, especialmente da literatura ou do jornalismo de opinião com a política, resta clara quando se admite o pensamento do escritor francês Phillipe Sollers, para quem “toda escrita, querendo ou não, é política”. Para ele, “a escrita é a continuação da política por outros meios”.

Porquanto, nem sempre devemos diferenciar a palavra simplesmente pronunciada daquela efetivamente publicada. Permitam-me citar o ensinamento e a clareza na valoração da palavra como expressão política, do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Professa ele: “A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sis-

temas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma de ideologia nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”.

O mesmo autor também invoca: “A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação”. Por isso, ele faz questão de assinalar que “o discurso literário é a realidade refratada ideologicamente e submetida a uma conformação artística”. Nada mais denso do que este elo, este liame entre a produção literária, artística, e o exercício da política, sempre presentes nos mais diversos colégios acadêmicos. Daí concluirmos, diante da diversidade e profusão de meios de expressão, que tanto o texto como o discurso podem ser palco de acordos e consensos, como também arena de conflitos e dissensões.

Contudo, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Acadêmicos, autoridades e ilustres convidados, por trás de qualquer indagação dessa magnitude, impõe-se uma prerrogativa, uma condição *sine qua non* para materializar e propalar qualquer manifestação: a liberdade e, por conseguinte, a cidadania, ambas advindas e precedidas do exercício da democracia.

Sobre esse aspecto, Stuart Mill, um dos principais pensadores representantes do liberalismo inglês, advertira que “o efeito revigorante da liberdade só atinge seu ponto máximo quando o indivíduo está, ou se encontra em vias de estar, de posse dos plenos privilégios de cidadão”.

Já Tocqueville alertara que “é a própria igualdade de condições que torna os homens independentes uns dos outros, que os faz contrair o hábito e o gosto de seguir apenas a sua vontade em suas ações particulares, e esta inteira independência de que gozam, em relação a seus iguais, os predispõe a considerar com descontentamento toda autoridade e lhes sugere logo a ideia e o amor da liberdade política”.

Paradoxalmente, o inverso também se expressa. Entrelaçados os valores – expressão e liberdade ou manifestação e cidadania – o ofício de

ambos confunde-se, ora como causa, ora como consequência. Na maestra obra machadiana encontramos a melhor tradução dessa verdade: “A liberdade não morre onde restar uma folha de papel para decretá-la”.

Desde os remotos tempos da Ágora grega e do exercício da isegoria, tudo isso significa democracia. Democracia como um valor, uma prática e uma realidade a que todos aspiramos, independentemente de nossas ideologias, de nossas crenças e de nossos conceitos.

Nesta prática de liberdade democrática e estabilidade de nossas instituições, aliado ao desempenho do mandato de senador, tenho frequentemente escrito e invariavelmente me pronunciado sobre temas que entendo de significativo interesse nacional. Tenho destacado aspectos importantes para uma reforma política e institucional em nosso País, desde uma reanálise quanto ao modelo do sistema político e do regime de governo brasileiros, até a demanda popular por uma verdadeira reforma eleitoral e política. Na órbita das relações internacionais, venho chamando a atenção para o arco de instabilidade que se avizinha em nosso subcontinente – e que agora vemos já se expandir para a América Central –, assim como para frequentes falhas de avaliação e postura, ainda que pontuais, na condução de nossa política externa. Já me pronunciei por diversas vezes sobre as ameaças ao meio ambiente e sua preservação diante das mudanças climáticas e do aquecimento global. Tenho debatido e me manifestado sobre a crise econômica mundial e a retomada do desenvolvimento brasileiro que requer especial, iminente e decisiva atenção à infraestrutura nacional.

Além disso, e aí peço licença para dirigir-me especialmente ao excelentíssimo Senhor Presidente da Academia, Dom Fernando Iório, de modo a reiterar meu compromisso e minha honra ao atuar recentemente como relator, na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal, do Acordo entre o Brasil e a Santa Sé, relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica, matéria esta inclusive já aprovada e, portanto, referendada pelo Congresso Nacional.

Enfim, dentro da atuação parlamentar, tanto no exercício legiferante como na pregação política, encontro-me no pleno desempenho

de minha função pública, utilizando todas as formas disponíveis de expressão, seja em discursos ou intervenções, seja em artigos ou entrevistas. Porém, volto a frisar, sempre focado nos relevantes temas que a Nação precisa debater e nos principais desafios que necessita enfrentar.

Acredito firmemente que este é o papel do político, ao qual pretendo, na Academia Alagoana de Letras, somar uma nova experiência de convívio, discussão e divulgação das palavras, das opiniões e dos escritos sobre as principais demandas e aspirações de nossa sociedade.

Não serei exemplo único. Pelo contrário, a história de nossa Casa e da própria Academia Brasileira de Letras está repleta de homens públicos da política nacional, em especial de parlamentares do porte de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Menotti Del Picchia, Afonso Arinos, Assis Chateaubriand, Luiz Viana Filho, Gilberto Amado, João Neves da Fontoura, Roberto Simonsen, Otávio Mangabeira e do renomado alagoano Tavares Bastos, liberal em sua essência, patrono da Cadeira nº 35, daquela Academia Brasileira e que empresta seu nome ao Palácio da Assembleia Legislativa. Todos esses sem falar de um Presidente da República e estadista da envergadura de Getúlio Vargas, ícone do meu partido, o PTB.

Senhor Presidente, autoridades e convidados presentes, Senhoras e Senhores Acadêmicos, nesta digna Casa da Cultura alagoana, caberá a mim, com muita honra, ocupar a cadeira nº 20, cujo patrono é o juiz de Direito e professor Manoel Augusto de Oliveira, poeta, escritor e jornalista, morto prematuramente por motivação política, em 1919, no Ceará.

Alagoano, natural do Tabuleiro do Pinto, no então Município de Santa Luzia do Norte, Augusto de Oliveira, como ficou conhecido, lecionou no Colégio Aires Gama, no Recife, onde colaborava em jornais quando estudante. Como delegado de Polícia, já na capital cearense, criou desafetos em famílias da sociedade local exatamente pela postura de correção no cargo, fato que o levou a pedir demissão. Transferido para o interior, exerceu a magistratura em Aracati, Senador Pompeu e Quixadá, terminando como juiz de Direito em São Bernardo das Russas, também no Ceará. Tão logo assumiu o cargo,

passou, como digno arauto que era, a imprimir maior circunspecção no tribunal do júri e nas audiências. Pela celeridade que impôs ao andamento dos processos, criou inimizades e desafetos a ponto de receber ameaças por cartas anônimas, até que uma delas se concretizou em trágica ocorrência.

Nas letras, a poesia foi o campo literário de maior destaque e dedicação de nosso patrono. À sua memória, rendo aqui minha justa e sincera homenagem.

Como fundador da cadeira, tivemos o poeta, cronista e escritor Cassiano de Albuquerque, também falecido prematuramente em Maceió, no início da década de 20. Nascido em Porto Calvo e telegrafista de ofício, o estreante acadêmico colaborou em jornais da cidade escrevendo inúmeras poesias e crônicas. Em que pese o escasso tempo que esteve ocupando essa cadeira, sem dúvida alguma é merecedor de nosso apreço e de toda honraria desta instituição.

Seu sucessor foi o Senador Ezechias da Rocha, médico de formação, professor e político por vocação, poeta por puro talento. Além de versos, poemas e sonetos, Ezechias da Rocha escreveu “A Vida dos Cristais” como tese para a cadeira de História Natural do Liceu Alagoano. Tornou-se também professor de Medicina Tropical da Escola de Medicina de Alagoas, da qual foi um dos fundadores, e presidente da Sociedade de Medicina de nosso Estado. Foi ainda diplomado pela Escola Superior de Guerra. Na vida pública, Ezechias da Rocha elegeu-se deputado estadual e senador, mandato este que honrou com dedicação entre 1951 e 1959. Como médico clínico, exerceu a profissão durante 30 anos em Maceió, chegando ao posto de chefe de clínica da Santa Casa de Misericórdia e de diretor de Saúde Pública. Não bastassem todas essas atividades, foi sócio da Federação das Academias de Letras do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, para o qual colaborou com a revista da instituição. Homem das ciências e da literatura, o acadêmico deixou publicadas, entre 1921 e 1982, dezenas de obras das mais variadas áreas de sua atuação.

Seu falecimento em 1983 fez com que a Academia elegeesse para sucedê-lo o ilustre professor Ib Gatto Falcão, a quem agora tenho a

imensa responsabilidade de substituir. Falar sobre a obra, o currículo e o brilhantismo do Dr. Ib demandaria de qualquer um de nós um profundo pronunciamento dedicado somente a ele e à sua produção.

Médico, secretário de Estado, professor e jornalista, ele nos deixa uma vasta e rica obra publicada, principalmente nos campos da saúde, da educação e do desenvolvimento regional. Mas também um mestre das orações, dos discursos e das palestras, o emérito professor exerceu a atividade de docência no Instituto de Educação, do qual foi um dos criadores, bem como no Colégio Santíssimo Sacramento, no Asilo de Órfãos e na Faculdade de Medicina de Alagoas, instituição esta que ajudou a fundar. Na órbita pública, foi diretor regional do Senai, secretário de Saúde e Assistência Social, secretário de Planejamento, presidente do Conselho de Desenvolvimento do Estado e, novamente, secretário de Saúde e Serviço Social. Exerceu, ainda, os cargos de diretor da Escola de Ciências Médicas e diretor do Pronto-Socorro.

Contudo, a despeito da relevância de todos esses cargos e atividades, devemos aqui, neste momento, prestar nossa reverência à sua atuação como presidente desta Academia Alagoana de Letras, para a qual foi eleito em 1998 e reeleito por sucessivas vezes. Nesta Casa e por todas as instituições por que passou, o Dr. Ib mostrou seu fino e requintado talento para as letras, notadamente em suas concorridas palestras e em seus acurados discursos. A dedicação e a importância demonstradas à nossa Casa das Letras, assim como a profundidade de seu texto e de sua oratória podem muito bem ser aquilatadas nas palavras proferidas por ocasião de sua posse na Cadeira nº 20, em 1984, as quais me permito utilizar, até mesmo como uma forma de enriquecimento de meu discurso. Disse ele:

“Esta Academia que nos vai da lei da morte libertando, como dissera o bardo inolvidável, mantém na sua atmosfera o perfume da eternidade, na pureza dos seus princípios e no exercício dos labores quase divinos da arte, das letras e da cultura.”

Esta é, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Acadêmicos, a melhor homenagem e o melhor exemplo do perfil, do talento e da eloquência do imortal Dr. Ib Gatto Falcão.

Por outro lado, ao falar do Dr. Ib, não posso deixar de reavivar a memória de minha infância em Maceió, da qual ele fez parte ainda nos meus primeiros anos de vida. Ao mesmo tempo, resgatar fatos e passagens daquela época – mais precisamente entre 1951 e 1956, durante o mandato de meu pai no Governo de Alagoas – é também entrever coincidências da vida. Mas não por acaso ou por meras referências de uma trajetória. Na verdade, eu diria trajetórias, cursos da vida de personagens que se encontram e desembocam em mais um empreendimento cultural do visionário Dr. Ib.

Àquela época, ele ocupara algumas pastas na gestão do então Governador Arnon de Mello. Com o Palácio do Governo em reforma, morávamos nós em uma casa defronte à Praça Sinimbu. Quatro casas depois morava nosso primo Nelito, no imóvel que pertenceu ao padrinho de meu pai, ninguém menos que o poeta alagoano Jorge de Lima, fundador da Cadeira nº 22, desta Academia. Naquele ambiente, naquele cenário urbano, passei boa parte da infância, passeando na Praia da Avenida – nos intervalos de minhas idas à escola da querida Professora Lourdinha Vieira – buscando confeito na venda do “Seu” Arlindo, na esquina com a Rua da Praia, observando os bondes chegando à estação final. Meu pai, às voltas com a administração do Estado e a gestão de sua carreira política; minha saudosa mãe Leda Collor, sempre ativa no Governo e permanentemente dedicada aos eventos culturais e filantrópicos da capital, fundando escolas e instituições diversas, fomentava a cultura local. Nesta ocasião, aquela casa do primo Nelito, onde eu passava a maior parte do tempo sob os cuidados de minhas primas, passou a ser palco definitivo de minha infância, de minhas recordações.

Quis o destino, décadas depois, que aquele imóvel, pela iniciativa e determinação do Dr. Ib, apesar dos mais de seus 90 anos quando iniciou esta última empreitada, viesse a abrigar hoje o Memorial Jorge de Lima, essa importante referência cultural de nossa capital, fundada em dezembro do ano passado. Este legado é fruto não só das coincidências da vida, mas é, especialmente, produto do espírito acadêmico e empreendedor do nosso querido e respeitado Dr. Ib. Como Presidente desta instituição, não poupou energia na coordenação

nação pessoal de todo o processo, desde a transferência da posse do imóvel à Academia pela Prefeitura, até a captação de recursos para sua restauração junto ao Ministério da Cultura. Hoje, aí está uma obra concreta. Ao tempo em que se resgata a arquitetura neocolonial – vanguardista para a época, os anos 20 – recolhem-se também a obra e vida do poeta Jorge de Lima. Entremeio a esses dois resgates, aviva-se novamente minha infância, por obra do destino, pela honra desta Academia e pelas mãos do Dr. Ib, cuja cadeira estou aqui, neste momento, passando a ocupar.

Coincidências, destinos, não podemos prever. Não por acaso, ainda revivendo aqueles tempos, deparo-me hoje com a ilustre acadêmica dona Lysette Lyra – a quem eu chamava de “Donzete” –, integrante do grupo de amigas de minha mãe na então agitada vida social e cultural de nossa capital. Naquela época, dona Lysette já conquistara toda minha admiração e apreço. Como uma das mais entusiastas de minha candidatura a esta entidade, ela aqui, agora, também me traz de volta àquele passado, àqueles momentos. É com muito orgulho que passo, a partir de hoje, a ser seu confrade em nossa Academia Alagoana de Letras.

Das referências aos nobres literatos para os justos e merecidos agradecimentos, devo invocar que, desde meu retorno à causa pública e à ação política, brindado pelo atual mandato de senador concedido generosamente pelo povo alagoano, tenho recebido o apoio e o carinho – como este que agora as senhoras e os senhores demonstram com suas presenças – de inúmeras pessoas que me rodeiam, no círculo pessoal e na esfera política. São elas eleitores, partidários, amigos e familiares. Esse apoio, essa compreensão e tolerância têm sido o combustível de meu dia a dia no Senado Federal, nas nossas empresas, no meu lar. E tenho certeza que, a partir de agora, aqui também, desta Academia, receberei e compartilharei o mais alto companheirismo e a mais admirável fidelidade.

Assim, começo agradecendo aos nobres acadêmicos pelo voto de confiança refletido em minha eleição. Dentro desta oportunidade ímpar com a qual me agraciam, venho para coerir e semear. Porquanto, às senhoras e aos senhores prometo um fraterno convívio dentro do mais alto espírito de democracia, respeito e admiração.

Aos meus eleitores, aos companheiros da política, amigos e familiares, renovo o meu muito obrigado pelo reconhecimento e constante ajuda nesta nova trajetória a que me submeto como membro desta insigne instituição alagoana das letras.

Não posso, entretanto, deixar de mencionar o especial agradecimento ao meu querido amigo e também acadêmico Dr. Milton Hênio Netto de Gouveia, que honradamente ocupa a Cadeira nº 31, de nossa Academia. Foi ele o incentivador maior e o responsável direto pela iniciativa e decisão de minha candidatura a uma cadeira nesta Casa, e ao qual rendo aqui minha eterna e sincera gratidão.

O mesmo sentimento devoto à minha irmã Ana Luísa, da qual sempre pude obter não só o conforto familiar, mas sobretudo o companheirismo diário e o permanente incentivo, suportes estes que também tenho recebido de meus familiares, de meu filho aqui presente, Fernando James, aos quais sou extremamente agradecido.

Finalmente, deferência particular devo à minha esposa Caroline, estimuladora primeira na retomada de minha vida pública e no começo de minha luta política. A ela e às minhas filhas, graça e razão maiores desta etapa da vida, dedico a honra do título que hoje recebo, agradecendo pelo irrestrito apoio a uma nova e, tenho certeza, profícuca experiência.

Senhor Presidente, ilustres acadêmicos, senhoras e senhores convidados, dentro deste ambiente literário, não posso aqui, ao concluir minha mensagem, deixar de voltar a referenciar e a realçar o mestre Machado de Assis, inspirador e fundador da Academia Brasileira de Letras, que é talvez o maior incorporador de toda aura e estesia que revela o espírito desse modelo de instituição. Sem dúvida, é ele quem melhor exprime as interfaces da letra e da palavra com a política e a ação pública. Um singelo poema, quase que um idílio, nos dá esta dimensão de sua profissão de fé e de sua vocação política:

“São moedas da coroa,
E eu, democrata, não devo
Expor a minha pessoa
A ser contrária ao que escrevo

(...)

Não é só a Monarquia
Que tem plantas reverendas;
Vento da democracia
Também faz brotar comendas.”

Aos confrades desta Casa, meus novos companheiros, permitam-me resgatar ainda uma passagem e um trecho de centenárias, porém sábias palavras machadianas. Ao tomar posse como presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897, o escritor, dirigindo-se aos primeiros imortais que acabavam de elegê-lo para o cargo, interpreta-os de maneira simples, porém direta: “O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária”.

Por fim, volto à experiência de meu pai Arnon de Mello por esta Casa apenas para concluir sua lição, citando um de seus ensinamentos diariamente presentes em minha trajetória e que, neste momento, me inspira, na condição de seu epígono, tanto pela sabedoria quanto pelo realismo retratado de nossas vivências. Ensinou-me ele, deixando expresso que, se “as facilidades iludem e enfraquecem, as dificuldades ensinam e fortalecem”.

Deixo esta tribuna sabendo e conhecendo um pouco mais, sobretudo a natureza humana, e sentindo-me fortalecido pela vigorosa guarida recebida.

Muito obrigado a todos.

Maceió/AL, 23 de outubro de 2009.





Academia Alagoana de Letras

fachada principal